

SOU SENHOR DO QUE CALO E ESCRAVO DO QUE FALO: A PALAVRA COMO SEMEADURA, O SILÊNCIO COMO SENHORIO

Sobre o provérbio que faz do homem senhor do que cala e servo do que fala, e sobre a arte cristã e humana de dizer o necessário, na hora certa, com escuta viva.

Por Aínor Francisco Lotério

Engenheiro Agrônomo | Filósofo | Teólogo | Diácono Permanente | Criador da Agrosófia

A FRASE E SUA ORIGEM

A sentença correta é: “Sou senhor do que calo e escravo do que falo”. Ela circula no Brasil como provérbio árabe e reaparece em variantes como “és dono das palavras que não disseste e servo das que proferiste”. As atribuições correntes a Rui Barbosa, a Sêneca ou a Freud não se sustentam documentalmente. O eco mais antigo e verificável está em Horácio, nas Epístolas, com a advertência de que a voz emitida não sabe voltar atrás, *nescit vox missa reverti*. Sêneca, por sua vez, ensina em suas cartas que o homem se governa primeiro no domínio de si, e só depois nas coisas exteriores.

O que a frase afirma não é o elogio do mutismo. É a constatação de um deslocamento de poder. Enquanto a palavra está guardada, ela me pertence. Dita, passa a pertencer a quem ouve, e eu passo a responder por ela num terreno que já não governo. Falar é transferir senhorio. Por isso o apóstolo Tiago compara a língua ao leme que conduz o navio inteiro e ao fogo que se alastra a partir de uma faísca, e recomenda que sejamos prontos para ouvir e tardios para falar.

QUEM ESCREVE SOBRE A PALAVRA E POR QUE ESCREVE

Escrevo sobre isto porque a palavra é o material com que trabalho há mais de quarenta anos, em todos os ambientes em que a vida me colocou. Como radialista, no programa *Alegria de Viver*, no ar desde 1989, aprendi que o microfone não perdoa: no rádio não existe gesto que corrija a frase mal escolhida, não existe olhar que suavize o tom. Quem fala ao rádio fala sozinho e responde sozinho. Como extensionista rural do sistema Acaresc, Emater e Epagri, aprendi que o técnico que não domina a comunicação chega até a porteira com a tecnologia certa e sem a chave que abre a porta da transformação.

Como Prefeito de Camboriú e assessor legislativo, aprendi que na esfera pública a palavra tem consequência jurídica, orçamentária e histórica, e que o gestor é cobrado não apenas pelo que decidiu, mas pelo que anunciou. Como Diácono Permanente, ordenado em 2003, aprendi que na celebração a palavra é ministério: quem preside não fala de si, fala em nome de uma comunidade e diante de Deus.

E como palestrante, ao longo de milhares de encontros em cooperativas, empresas, escolas, associações, sindicatos, câmaras, paróquias e comunidades rurais, ministrando o Curso de Linguagem, Comunicação e Oratória em municípios como Urubici, Anchieta, Vitor Meireles, Pomerode, Atalanta e tantos outros, verifiquei sempre a mesma coisa: as pessoas não sofrem por falta de vocabulário. Sofrem por falta de medida. Falta o critério que decide o que dizer, quando dizer, a quem dizer, e quanto dizer.

O AGRICULTOR E A SEMEADURA DA PALAVRA

Quem lida com a terra entende isso sem esforço. Nenhuma semente volta para a mão depois de lançada ao sulco. O agricultor experiente não semeia por impulso: observa a lua, mede a umidade, espera o ponto do solo. Sabe que a mesma semente, boa em si mesma, apodrece em terreno encharcado e queima em terreno seco. A palavra obedece à mesma lei agronatural. Não basta que seja verdadeira. Precisa encontrar solo, tempo e clima.

É desta percepção que nasce, na Agrosófia, o entendimento da fala como semente. A palavra dita fora de tempo não produz colheita, produz erosão. E como toda erosão, leva embora justamente a camada mais fértil, aquela que levou anos para se formar: a confiança. Há o agrotóxico que envenena a lavoura e há o que envenena a alma, e a palavra descuidada pertence ao segundo tipo.

AS QUATRO MEDIDAS DO CUIDADO

A primeira medida é o tempo. O Eclesiastes ensina que há tempo de calar e tempo de falar. O acerto do conteúdo não redime o erro da hora. Dizer antes do tempo endurece o ouvinte; dizer depois do tempo torna a verdade inútil, porque o dano já se consumou. Grande parte dos conflitos familiares, comunitários e institucionais não nasce do que foi dito, mas de quando foi dito. Chega também, por maturação, o tempo de observar, aquele em que nada precisa mais ser cobrado, e a vida contemplativa revela a sabedoria de fazer menos para gerar mais.

A segunda medida é a quantidade. Os Provérbios advertem que na multidão de palavras não falta transgressão, e que modera os lábios quem é prudente. O excesso não acrescenta força ao argumento, dilui. E carrega sempre, junto com o que devia sair, aquilo que não devia. Ninguém se arrepende do que resumiu; muitos se arrependem do que alongaram. O mercado sério, hoje, já não busca quem gera ruído, busca quem funciona como farol de curadoria, ética e precisão.

A terceira medida é a escuta. Ouvir não é a pausa técnica entre duas falas minhas. Não é esperar a vez enquanto preparo a réplica. É a operação que dá à minha fala seguinte a chance de ser pertinente, e não apenas correta. No diálogo cooperativo trabalho quatro verbos em ordem inegociável: escutar, perguntar, refletir e responder. Quem inverte essa ordem, respondendo antes de escutar, não conversa, apenas reveza monólogos.

A quarta medida é a necessidade. A tradição atribui a Sócrates os três crivos, verdade, bondade e necessidade, atribuição provavelmente apócrifa, mas de critério exato. Dizer o que precisa ser dito, a quem precisa ouvir, e nada além disso. Uma verdade dita a quem não pode fazer nada com ela não é informação, é peso transferido.

O MITO DO IMPROVISO PURO

Existe uma ilusão perigosa, muito difundida, de que o bom comunicador é aquele que fala de improviso. Contra esse mito sustento o oposto: a espontaneidade admirável decorre de estrutura assimilada, jamais de ausência de preparo. O que parece improviso, em quem fala bem, é preparação metódica tão internalizada que já não aparece. A estrutura não aprisiona a fala, liberta a fala. Quem tem pauta pode olhar nos olhos do público. Quem não tem pauta olha para o teto, procurando a próxima frase.

Isto vale para o púlpito, para a tribuna, para a assembleia da cooperativa, para a sala de aula e para a conversa difícil com o filho. Preparar a palavra é ato de respeito por quem vai ouvir.

O SILÊNCIO QUE TAMBÉM ESCRAVIZA

Aqui está o reverso, sem o qual o provérbio se torna álbi. Existem silêncios que não constituem senhorio, mas fuga. Calar diante da injustiça é cumplicidade. Omitir a correção fraterna devida ao irmão é abandono disfarçado de delicadeza. Não dizer ao filho, ao associado, ao colega, aquilo que ele precisa ouvir para crescer, é covardia vestida de prudência.

Bonhoeffer, tratando da vida em comunidade cristã, mostra que o silêncio verdadeiro é aquele que se coloca a serviço da palavra, e não aquele que a substitui. Quem cala porque teme o custo da verdade não é senhor de nada: é escravo do medo, que é senhor pior do que qualquer palavra dita.

O domínio de si, portanto, não está na preferência automática pelo silêncio. Está no discernimento entre calar e falar, exercido caso a caso, diante de Deus e da própria consciência. Isto é o que chamo de Motivação Racional aplicada à linguagem: gerenciar o pensamento sobre a emoção, agir com autonomia inteligente em vez de reagir por impulso.

A PALAVRA COMO ALIANÇA

A tríade que sustenta a vida, o Criador, o próprio eu e a pessoa com quem se convive, é uma tríade de palavra. Com Deus, a palavra é oração. Comigo mesmo, é consciência. Com o outro, é aliança plena. Em qualquer dos três vínculos, a palavra mal medida rompe o que levou décadas para ser construído, e a palavra bem medida edifica em minutos o que discursos inteiros não alcançam.

Max Picard, ao estudar o mundo do silêncio, observa que a palavra que não vem do silêncio é palavra sem raiz, ruído que se esgota em si mesmo. Na leitura do Salmo 50 que ofereço em outro texto, formulei a mesma verdade de modo direto: quem louva antes de silenciar apenas faz barulho. O silêncio não é o contrário do louvor. É a condição dele.

Ser senhor do que se cala e servo do que se fala não é, no fim, uma regra de etiqueta. É uma disciplina espiritual. Significa reconhecer que a boca é a porta pela qual o interior sai ao mundo, e que ninguém consegue recolher de volta o que já atravessou essa porta. Quem entende isso não fala menos. Fala melhor, no tempo certo, na medida certa, com escuta viva, e com a serenidade de quem semeia sabendo que a colheita virá.

*Ainor Francisco Lotério
Camboriú, Santa Catarina, agosto de 2026
Sítio Agrosófia, Comunidade Rural do Braço*

REFERÊNCIAS

Obras fundamentais

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus. Eclesiastes 3,7; Provérbios 10,19; Salmo 50; Carta de Tiago 1,19 e 3,1 a 12.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal. Sobre o ministério do calar e o serviço da escuta na comunidade cristã.

PICARD, Max. *O Mundo do Silêncio*. Ensaio clássico sobre a origem silenciosa da palavra verdadeira.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Sobre o domínio de si como fundamento da conduta.

HORÁCIO. *Epístolas e Arte Poética*. Sobre a irreversibilidade da palavra proferida.

Publicações do autor nos portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Comunicação Humana e Oratória Prática: Linguagem, Comunicação e Oratória sob a Ótica da Atenção e da Preparação Metódica*. 27 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A estrutura que liberta: preparação, pauta e improviso disciplinado na arte de bem falar*. 12 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A arte do diálogo cooperativo: escutar, perguntar, refletir e responder*. 12 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *O silêncio que antecede o louvor: quem louva antes de silenciar apenas faz barulho*. 10 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Linguagem e vocação para o cooperativismo*. 14 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *O tempo de observar: é chegado o tempo em que nada precisa cobrar*. 15 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A essência da extensão rural: comunicação como chave para a inovação no campo*. 28 jun. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Agrosófia, comunicação e autoridade: consistência e autoridade no mercado de contratações*. 22 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *O Sítio Agrosófia: fundamento da terra ao portal, uma filosofia agrosófica do habitar*. 05 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Curso de LCO, Linguagem, Comunicação e Oratória Celebrativa*, Ribeirão Matilde, Atalanta, SC. 05 maio 2024.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Minicurso de linguagem e comunicação para a acolhida cristã*, Comunidade Santa Isabel de Portugal, Paróquia do Divino Espírito Santo, Camboriú, SC. 17 maio 2022.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Palestra na OAB: comunicação, empreendedorismo e posicionamento, quem tem propósito tem voz*. 12 jun. 2025.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Palestra e treinamento em comunicação corporativa*, Unimed Anápolis e Sistema OCB/Sescoop GO. 05 jul. 2022.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Os tempos são outros: linguagem e comunicação na diversidade humana*, APAE Pomerode. 22 fev. 2024.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Motivação, dons, talento, linguagem, comunicação e relações humanas nas organizações*. 20 nov. 2015.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Workshop e Curso de Linguagem, Comunicação e Oratória*. 18 jan. 2017; *Workshop de Linguagem, Comunicação e Oratória*, Anchieta, SC, 04 set. 2015; *Curso de Linguagem, Comunicação e Oratória*, Urubici, SC, Sicoob Crediarauçária, 28 nov. 2014.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Os sete eixos que sustentam o meu trabalho: palestras, produções e cursos*. 05 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Programa radiofônico *Alegria de Viver*, no ar desde 1989.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, filósofo, teólogo, psicopedagogo e mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UNIVALI. Diácono Permanente ordenado em 2003, é o criador da Agrosafia, filosofia e mística de vida fundamentadas nas forças agronaturais e nos princípios da sustentabilidade. Construiu carreira de mais de três décadas no sistema de extensão rural Acaresc, Emater e Epagri, onde chegou a Diretor Estadual, foi Prefeito de Camboriú, assessor legislativo na ALESC e consultor cooperativista na Emater/RS Ascar. Radialista desde 1989, apresenta o programa *Alegria de Viver*. Reconhecido nacionalmente como O Palestrante da Mente e do Coração, atua nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosafia, em ambientes públicos, privados e eclesiais. Autor de *Paixão pelo Cooperativismo*, *Pais Frouxos, Filhos Sofredores*; *Pais Firmes, Filhos Felizes*, *A Eternidade em Nós* e *Um Minuto de Inspiração*. Mantém o Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, Santa Catarina.

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br